



## A economia do Brasil nas notícias do *New York Times*<sup>1</sup>

Maria Inez Mateus Dota<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista-Bauru

### Resumo

Este trabalho objetiva verificar qual a imagem difundida pelo jornal *The New York Times*, no tocante a aspectos econômicos do Brasil. Debruça-se sobre um *corpus* de trinta e três notícias publicadas no período de janeiro a junho de 2004, na versão *on line* do referido jornal. Fundamenta-se nas Teorias do Jornalismo e na Análise Crítica do Discurso, principalmente nos escritos de Sousa (2002 e 2004), Traquina (2004 e 2005), Fowler (1991), Fairclough (1995 e 2001) e Bell e Garrett (1998). A análise discute que enquadramentos são dados às matérias e os conseqüentes temas e subtemas abordados, que ações influenciam na construção das notícias e que estratégias discursivas são utilizadas na produção dos sentidos adotados pelo periódico.

### Palavras-chave

Jornalismo; linguagem; análise do discurso.

### Corpo do trabalho

Notícias difundidas pelo jornal *The New York Times*, em sua versão *on-line*, atingem vários pontos do globo e, certamente, contribuem para a formação de imagens que são construídas a respeito de países, instituições, pessoas ou eventos. Uma vez que as notícias não espelham meramente a realidade, mas constituem versões acerca da realidade, este trabalho objetiva verificar que recursos discursivos são empregados pelo referido jornal para relatar acontecimentos e idéias sobre aspectos econômicos do Brasil, no período de janeiro a junho de 2004.

Fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos das Teorias do Jornalismo e da Análise Crítica do Discurso, conforme os escritos de Sousa (2002 e 2004), Traquina (2004 e 2005), Fowler (1991), Fairclough (1995 e 2001) e Bell e Garrett (1998). Ancorando-se na relação linguagem-ideologia, busca-se compreender como se dá a construção do sentido pelos vários enquadramentos adotados pelo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Seminário de Temas Livres em Comunicação.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UNESP-Bauru. Publicações recentes: *Linguagem e ideologia na representação de eventos internacionais* (com Adriane B. B. de Castro). **Comunicação: Veredas**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 87-97, 2004. / *Aspectos políticos do Brasil no discurso do New York Times*. **Ícone**, Recife, n. 1, v. 8, p. 42-55, 2005.



periódico e, paralelamente, busca-se verificar que ações influenciam na construção da notícia – a ação pessoal, a ação social e a ação ideológica, dentre outras, na tipologia discutida por Sousa (2002) e Traquina (2004).

Na elaboração da notícia, muitas opções são feitas e as escolhas são definidas em função do ângulo a partir do qual se visualiza um acontecimento e, conseqüentemente, em razão dos temas e subtemas que se coloca em destaque. Assim, entende-se com Fairclough (1995, p. 104), que a análise dos processos de representação num texto deve levar em consideração

que escolhas são feitas – o que está incluído e o que está excluído, o que é tornado explícito ou deixado implícito, o que é colocado em destaque e o que é minimizado, o que é tematizado e o que não é tematizado, que tipos de processos e categorias são empregados para representar os acontecimentos, e assim por diante. Questões sobre as motivações sociais para determinadas escolhas, e sobre ideologias e relações de dominação, são uma preocupação constante na análise de tais escolhas...

Nessa direção, os acontecimentos e as idéias não são apresentados de forma neutra e objetiva na mídia, mas constituem versões que dependem de valores, crenças e objetivos daqueles que as produzem. No caso específico do jornal *The New York Times*, objeto de nossa análise neste trabalho, o jornalista e escritor Gay Talese afirma que esse periódico

nunca foi independente do governo dos EUA nem exerce um jornalismo suficientemente crítico[...] É um jornal do establishment. Sua saúde financeira, a economia do “Times”, é em grande medida baseada na economia das forças que mandam no país. As políticas do governo americano estão bastante em linha com os interesses do “New York Times” enquanto um jornal do establishment (Apud CARIELLO, 2004, p. 22).

Para a obtenção do *corpus*, utilizou-se o sistema de busca do jornal *on-line* com a palavra *Brazil* e, após a obtenção das matérias, foram selecionadas aquelas cujo foco específico era o Brasil em seus aspectos econômicos. Dessa forma, obtiveram-se trinta e três notícias relativas a empresas, indústria e comércio, agricultura e a economia em si, as quais passamos a analisar, levando-se em consideração as escolhas lexicais, o implícito, a argumentação, a minimização ou saliência de determinados aspectos, a ironia e a intertextualidade.

## **1. Empresas**

Com referência à atuação de algumas empresas no Brasil, o *New York Times* traz à tona disputa entre grupos, compra e venda de empresas, seus negócios, ações do



governo com relação a elas e greves de empregados. A pergunta de pesquisa que norteou nosso olhar nesse subtema foi: Como essas empresas se inserem na economia do Brasil?

Os enquadramentos dados mostram um ambiente de disputa pela ocupação do mercado local, por parte de empresas globalizadas que têm seus tentáculos em outras partes do mundo. Na realidade, não são empresas brasileiras que possam ter como interesse o desenvolvimento da economia do Brasil:

*For four years until mid-2002, Telecom Italia held 38 percent of Solpart Participações, the holding company that owns Brasil Telecom, and held veto power that effectively made it the controlling company that owns Brasil Telecom, and held veto power that effectively made it the controlling shareholder. But the Italian company ceded control, at least temporarily, to pursue licenses to provide cellphone service in places that might put it in direct competition with Braxil Telecom. (Brazilian Disputes Role of Citigroup in Company, 11 de março de 2004).*

Embora seja apontado o papel do órgão regulador das telecomunicações no Brasil – a Anatel – no tocante a normas anti-truste, a atuação desse órgão é veladamente indicada como decorrente de pressão da própria mídia, conforme os trechos abaixo:

*...Brazilian regulations prohibit a company from having control of two providers of the same phone service in the same region.*

.....  
*Anatel has given Brazil Telecom until tomorrow to clarify Citigroup's role after various media reports raised questions about it, she said. She added that she did not know precisely the size of the banks's stake.(Ibid.)*

A ação do governo brasileiro com referência à formação de cartel, na tentativa de impedir ações ilegais de duas companhias aéreas, Varig e Tam, é também mostrada pelo *New York Times*:

*The Brazilian Justice Ministry on Thursday said it will investigate Brazil's two largest airlines on allegations they are using a code-sharing agreement to form a cartel. (Brazil Probes Airlines for Possible Cartel, 27 de maio de 2004.)*

O crescimento e a expansão de determinadas empresas são enfatizados pelo *New York Times*. Entretanto, a economia, naquele momento, é caracterizada como “vagarosa”:

*Brazil's Embraer, the world's number four aircraft maker, expects to sell eight jets from a production venture in China this year, its first plant outside its home country,*



*executives said on Friday. (Embraer Set for China Venture's Take-Off, 21 de maio de 2004.)*

*Hyundai Motor Co. will build its first factory in Brazil, investing \$205 million in a project expected to be completed next year, the South Korean automaker said Monday. (Hyundai to Build First Brazilian Factory, 31 de maio de 2004.)*

*Brazil's newest airline, the low-cost carrier Gol, plans to buy up to 43 Boeing passenger jets in a \$2.7 billion deal that could triple its fleet of planes flying in Latin America's largest country, the company announced Monday. [...] Brazil's airlines are expected to experience robust growth in 2004 as the country's sluggish economy turns around, according to the government. (Brazilian Carrier to Buy Up to 43 Boeings, 17 de maio de 2004.)*

A abertura do comércio com a China é apontada como uma esperança para a economia brasileira, uma vez que esta se encontra “em dificuldade” na avaliação do jornal. Os elogios feitos à Petrobrás não são assumidos pelo jornal, mas atribuídos, intertextualmente, ao presidente Lula em sua visita à China:

*On Sunday, he officially opened the Beijing Office of Petróleo Brasileiro SA, also known as Petrobrás, praising the company for being on the cutting edge of technology and for being an important part of Brazil's history.[...] “The cooperation between China and Brazil has started on a promising new page.” (Brazil Opens State-Owned Oil Co. in China, 23 de maio de 2004.)*

*Silva was on a five-day tour of China aimed at boosting exports to Asia's fastest growing economy in hopes of helping to turn around Brazil's struggling economy. (China and Brazil Pledge to Strengthen Pact, 24 de maio de 2004.)*

Da mesma forma com que enfatiza o rápido crescimento da indústria de carros blindados, o jornal aponta o crescimento da criminalidade:

*A few years ago, the armored car business was one of Brazil's fastest-growing industries. As urban crime and kidnappings soared, armored car dealers sprouted up by the dozens, and sales jumped almost sevenfold in five years. (Brazil's Armored Cars Find a Space in Iraq, 24 de junho de 2004.)*

Na mesma linha, o jornal abre espaço para um empreendimento milionário que será construído nos arredores de São Paulo, tendo o empresário Donald Trump como um de seus financiadores:

*True to the Trump mold, the \$40 million Project is aimed at Brazil's wealthy. ... Mr. Trump's first foray into Latin America will include an 18-hole golf course, a luxury*



*hotel and spa, and eventually up to 500 memberships, 350 of which come with plots of land for personal mansions. (Trump Takes a Meeting, Now Back a Resort in Brazil, 19 de maio de 2004.)*

Nessa matéria, o *New York Times* também aponta o contraste existente no Brasil, entre uma minoria de ricos e o “mais de um terço da população que vive com menos de dois dólares por dia”.

O vigor de algumas empresas e setores brasileiros é mostrado pelo jornal, uma vez que a comunidade financeira internacional não pode prescindir dessas informações para suas movimentações, conforme exemplos abaixo:

*Companhia Vale do Rio Doce, the world’s largest iron ore producer and exporter, signed an agreement with the Aluminum Corporation of China to build a \$1 billion aluminum refinery in northeastern Brazil. (World Business Briefing, 25 de maio de 2004.)*

*Brazil’s banking sector, which has instituted highly developed and widely used online services, has been preparing to adopt open technology to distribute digital signatures to clients to reduce fraud. (Free Software Use in Brazil Spreads Beyond Gov’t, 7 de junho de 2004.)*

*Brazil’s Cia Vale do Rio Doce (VALES.SA), the world’s largest iron ore miner, on Thursday gave no indication it was close to a deal to buy Canada’s Noranda Inc. (NRD.TO). (CVRD Gives No Hints on Noranda, 17 de junho de 2004.)*

A disputa entre a Linux e a Microsoft é trazida para as páginas do jornal. A crítica à medida adotada pelo Brasil é colocada na voz de um representante da Microsoft, atribuindo a decisão a uma questão de ideologia, ou seja, optar por um *software* gratuito:

*Linux’s operating system, the star of the free software community, is being adopted by various industries in Brazil, including 42 percent of the 160 banks in the country... (Free Software Use in Brazil Spreads Beyond Gov’t, 7 de junho de 2004.)*

*Microsoft Brasil’s president, Emilio Umeoka said that ideology led Brazil’s government astray when it decided to adopt Linux’s free software in public sector computers. (Microsoft Brazil Decries Government Use of Linux, 3 de junho de 2004.)*

Por último, destaca-se uma greve em uma das fábricas da Volkswagen que chegou a um impasse, ao mesmo tempo em que se apontam as perdas da empresa por cinco anos:



*Volkswagen is resisting pressure for wage increases and a reduction in working hours as it seeks to break even in Brazil after five years of losses. Earlier this week, a labor appeals court granted the company an injunction allowing it not to comply with a lower court decision that called for workers' hours to be cut. (Volkswagen Workers on Strike in Brazil, 22 de maio de 2004.)*

Essas matérias acima apontadas oferecem aos leitores uma visão daquilo que acontece no Brasil no meio empresarial. Traquina observa que as notícias oscilam entre o pólo econômico e o pólo ideológico. “Enquanto o pólo ideológico define o jornalismo como um serviço público, o pólo econômico define o jornalismo como um negócio, que tem tendência para definir as notícias como uma mercadoria que vende jornais ou consegue um bom *share* da audiência.” (TRAQUINA, 2004, p. 207).

A presente análise, neste item, aponta que os enquadramentos dados atendem a questão econômica, uma vez que enfocam grandes empresas e atingem aqueles leitores espalhados pelo mundo que precisam conhecer a economia brasileira, para fazer ou não seus investimentos e converterem-se, assim, em potenciais compradores do jornal; também atendem a questão ideológica, pois mostram como as empresas se comportam no Brasil e, nesse aspecto, prestam um serviço público de informações, para que os implicados no meio empresarial possam fazer suas avaliações.

## **2. Agricultura**

Com referência à agricultura, o jornal enfatiza a pressão exercida pelo Brasil quanto aos subsídios e taxas de importação americanos, a expansão da agricultura brasileira e o problema da ferrugem em plantações de laranja. A análise efetuada se norteou pela seguinte pergunta de pesquisa: Que aspectos da agricultura brasileira são trazidos à tona pelo *New York Times*?

Na luta para eliminar os subsídios dos Estados Unidos a seus produtos agrícolas e suas taxas de importação, o papel do Brasil é destacado como uma liderança que se desponta em meio a outros países prejudicados pela postura americana. Sua atuação é representada como a abertura de um caminho promissor para a economia dos países em desenvolvimento:

*In a landmark decision, the World Trade Organization ruled against American cotton subsidies in a case brought by Brazil, officials from the two countries said on Friday. (W.T.O. Rules Against U.S. Cotton Subsidies, 19 de junho de 2004.)*



*Cotton subsidies for U.S. farmers are unfair to producers in Brazil, the World Trade Organization said Friday in a decision that could prompt developing countries to file trade cases against subsidies for other crops. (WTO Upholds Trade Decision on Cotton (18 de junho de 2004.)*

*Now juice importers will be required to pay only one-third as much and can demand that their tax money go to the Florida Department of Citrus to finance research projects instead of advertising campaigns. (Brazil Drops Its Complaint Over Florida Levy on Juice, 20 de maio de 2004.)*

Para corroborar o acerto da decisão tomada pela Organização Mundial do Comércio, contra os subsídios americanos às lavouras de algodão, o jornal mostra a posição de órgãos de renome que partilham da posição de que os subsídios agrícolas, praticados pelos países ricos, são impedimentos para que os países em desenvolvimento saiam da pobreza, conforme exemplo a seguir:

*The World Bank, the United Nations Development Program and Organization for Economic Cooperation and Development have all done studies showing that the agricultural subsidies and supports of the world's wealthiest nations are the biggest impediments for poor countries trying to trade their way out of poverty. (Brazil's Road to Victory Over U.S. Cotton, 4 de maio de 2004.)*

A expansão da agricultura brasileira é apresentada como um rápido crescimento, com tecnologia avançada e solo e clima propícios para seu desenvolvimento, o que certamente compõe uma imagem positiva do Brasil no tocante à agricultura. Confira os exemplos abaixo:

*Thanks to smart crop management and advances in agricultural technology, Brazil has gone from a net cotton importer to net cotton exporter in less than a decade... (Brazil's Big Stake in Cotton Likely to Become Bigger, 29 de junho de 2004.)*

*Blessed with soil rich in nutrients and a near-perfect mix of sunshine and rainfall, the state [Mato Grosso] now produces more than half of Brazil's cotton crop, almost all of it harvested on large-scale plantations with American-made machinery. (Ibid.)*

Em meio a menções favoráveis à agricultura brasileira, críticas são feitas ao plantio de soja geneticamente modificada e à falta de infra-estrutura para um crescimento ainda maior no tocante à lavoura de algodão:

*Farming newsletters regularly carry articles about Brazilian agriculture, deploring the smuggling of genetically modified soybeans in Brazil while farmers in the United States*



*pay royalties for such seeds... (Brazil's Spreading Exports Worry Minnesota Farmers, 22 de junho de 2004.)*

*Even if Brazil does make the switch to biotech cotton seeds, the country's creaky infrastructure and crowded ports will probably limit its ability to grow as a major exporter in the years ahead. (Brazil's Big Stake in Cotton Likely to Become Bigger, 29 de junho de 2004.)*

Quando o *New York Times* trata da ferrugem mortal em plantações de laranja no Brasil, a questão é mostrada como bastante prejudicial à economia brasileira. As cifras são muito utilizadas, para enfatizar as perdas sofridas pelos produtores e, dessa forma, corroborar a veracidade dos fatos relatados:

*In just over three years, sudden death has wiped out more than 2.5 million orange trees in the region, costing about \$40 million.*

*But rangpur rootstocks are also especially vulnerable to sudden death, leading some experts to predict that as many as 85 percent of the country's orange trees may have to be replanted in the next six years if the disease is not kept at bay. (Deadly Blight Threatening Orange Trees in Brazil, 27 de maio de 2004.)*

Neste item, pode-se observar a interação existente entre a ação pessoal do jornalista, ou seja, aquilo que ele selecionou para noticiar com respeito à agricultura e a ação organizacional – aquilo que o jornal *New York Times* valoriza na construção da notícia: a informação em setores estratégicos da economia mundial. Nessa direção endossa-se a posição de Fowler (1991, p. 231) quando diz:

... qualquer um que reflita sobre a posição econômica da indústria jornalística subordinada ao capitalismo (sua dependência da publicidade direcionada ao consumidor, movida por poderosos interesses comerciais) ou sobre sua intimidade política com o governo (*releases*, o *lobby* da imprensa, acesso a porta-vozes), rapidamente chegará à conclusão de que um grande jornal não pode sobreviver a não ser que se alinhe com o sistema, reproduzindo idéias estabelecidas ou, pelo menos, entrando “com responsabilidade” no debate em áreas de idéias estabelecidas.

### **3. Indústria e comércio**

Com referência à indústria e comércio brasileiros, o *New York Times* destaca aspectos positivos dessas áreas. A pergunta de pesquisa que norteou o olhar deste trabalho nesse item foi: Que recursos o jornal utiliza para mostrar a pujança da indústria brasileira e a postura do Brasil na negociação de acordos comerciais?



No tocante à indústria, a utilização de cifras no discurso jornalístico dá ênfase aos investimentos e crescimento das exportações:

*Brazil's steel industry will invest the equivalent of \$7.4 billion through the end of 2008 to increase its production capacity by 30 percent, the Brazilian Steel Institute Said Tuesday. (Brazil to Boost Steel Production 30 Pct., 27 de abril de 2004.)*

*While domestic sales dropped 2.6 percent, going from 15.8 million metric tons in 2002 to 15.4 million tons in 2003, exports increased 11.1 percent to 13 million tons. (Ibid.)*

Na abertura de uma das matérias, trecho a que o leitor normalmente dá mais atenção, o *New York Times* destaca as vantagens do Brasil no que diz respeito à indústria do aço - abundância de matéria prima, mão-de-obra barata e tecnologia de ponta:

*Blessed with abundant raw materials, cheap labor and top-notch technology, Brazil is looking to become a major player in the global steel industry with the help of some deep-pocketed foreign friends. (China Fuels Brazil's Dream of Being a Steel Power, 21 de maio de 2004.)*

Deve-se registrar, entretanto, trecho em que uma crítica é feita à economia como um todo. Atente-se para a escolha lexical abaixo (*sluggish*) que caracteriza a economia como vagarosa:

*Brazil, the largest economy in South America, has long had big dreams about steel. But years of sluggish economic growth and the high cost of credit kept the industry from expanding faster. (Ibid.)*

No caso do comércio, há uma matéria sobre o promissor negócio do camarão no Brasil, que tem suscitado reclamações de pescadores desse crustáceo nos Estados Unidos, alegando que os criadores brasileiros praticam *dumping*. É importante observar que o contraponto feito pelo jornal entre o cultivo/pesca do camarão no Brasil e nos Estados Unidos é favorável ao Brasil. Confira os argumentos trazidos à tona, abaixo:

*The dumping complaint does not contend that Brazil is selling shrimp on the American market below the cost of production, the most common definition of dumping. Rather, it contends that Brazil is price gouging by selling its product below "fair market value," an assertion that shrimp farmers here dismiss as not reflecting market realities. (Brazil's Shrimp Caught Up in a Trade War, 10 de março de 2004.)*

*"Raising shrimp in captivity is not the same as going out to sea to capture them, and so this complaint is totally absurd." (Ibid.)*



Uma outra matéria do período analisado é sobre um acordo comercial em andamento entre as grandes economias da América do Sul e da União Européia. Tal acordo é mostrado como uma ameaça à viabilização da ALCA. O andamento das negociações mostrado favorece o Brasil:

*South America's biggest economies moved a step closer on Monday to sealing a long-sought trade deal with European Union, a shift that could complicate efforts to forge a free trade area stretching from Alaska to Argentina by the end of the year. (Europe and South America Near Trade Accord, 20 de abril de 2004.)*

*Disputes over agriculture – an area in which the South American countries are most competitive and where Europe is most protectionist – have hobbled the talks from the outset. But the European Union wooed Mercosur back to the table last weekend by offering some concessions in agriculture. (Ibid.)*

Com referência à ALCA, o jornal levanta uma incoerência do Presidente Lula, aquele que, na ótica do periódico, diminuiu suas críticas sobre esse acordo depois que tomou posse, mas criticava-o veementemente em sua campanha eleitoral:

*Luiz Inácio Lula da Silva, president of Brazil, even warned while he was on the campaign trail that the Free Trade Area of the Americas could mean Brazil's "annexation" by the United States if negotiators were not careful, though he has since toned down his rhetoric. (Ibid.)*

Ao pautar o Fórum Comercial das Nações Unidas, na questão da tecnologia, o periódico destaca a situação favorável do Brasil, em meio aos países em desenvolvimento. O recurso à comparação é feito pelo marcador discursivo *while* (enquanto), no primeiro trecho abaixo. Mesmo em vantagem aos demais países, o jornal mostra, em trecho na seqüência, que a situação do Brasil com respeito ao acesso a computadores ainda é bastante insuficiente. As cifras delineiam claramente esse quadro, conforme apontado no último trecho:

*While countries like Brazil have made huge strides in providing free Internet access to the poor, many other nations don't have money to update shoddy telecommunications systems.*

*In Sao Paulo, tens of thousands of Brazilians also regularly visit 86 "Telecentro" computer centers. All the centers' computers use free-source software, and the Telecentros cater to working class Brazilians without the means to buy computers.*

*Still, only 10 percent of Brazil's 178 million people have a computer at home. (U.N. Trade Forum Examines Technology Gap, 18 de junho de 2004.)*



Observa-se, assim, que, embora alguns aspectos negativos sejam apontados - aumento da criminalidade, pobreza, crescimento insuficiente do PIB -, o panorama da indústria e comércio apresentado é positivo para o Brasil: o alto investimento da indústria do aço, o promissor negócio do camarão, a abertura do comércio com a China, dentre outros aspectos favoráveis, acima abordados.

#### **4. A economia em si**

Mesmo que vários aspectos positivos tenham sido apontados até então, quando o *New York Times* tem por tema a economia propriamente dita, sua postura é bastante negativa com relação ao Brasil. Assim, a pergunta de pesquisa que orientou este item foi: Que generalizações são feitas com relação à economia como um todo?

Abrindo uma das matérias dentro da postura acima indicada e invocando a opinião de analistas de forma generalizada, o jornal faz uma análise desfavorável da economia brasileira:

*Brazil's economy will return to modest growth in 2004 after a year of recession, but the country is still hobbled in its race against competitors like China and Mexico by poor investment habits, sky-high interest rates and burdensome taxes, according to analysts. (Brazil's Economy Set for Modest Growth, 9 de maio de 2004.)*

Na voz de outro locutor – o presidente de uma empresa - e, dessa forma, fazendo uso da intertextualidade, o jornal aponta pontos fracos da economia brasileira, atribuindo à política do Presidente Lula a razão dos problemas, quais sejam, juros altos e a valorização do real:

*“Lula's economic policy in his first year in office made all the sense in the world,”... “But now,” he said, “with the country showing negative growth and inflation at a completely acceptable level, it seems to me that insisting on high interest rates and a strong real won't do anything to get the economy rolling again and create jobs.” (In Brazil, Chafing at Economic Restraints, 17 de março de 2004.)*

Atribuindo a argumentação negativa aos brasileiros em geral, mais uma vez, o *New York Times* chama a atenção dos leitores para o não-compromisso do Presidente no tocante às suas promessas de campanha, ou seja, “mudar o modelo econômico”, “não ser um escravo do mercado” e “criar 10 milhões de empregos”:

*Brazilians do not necessarily blame Mr. da Silva for that, arguing that the economy was already a mess before he took office, but they do remember his campaign pledges to*



*“change the economic model” so as not to be a slave to the markets, as he claimed the previous government had been, and to create 10 million jobs. (Ibid.)*

Quando o jornal aborda o crescimento do PIB brasileiro, mostra também a insuficiência desse aumento, conforme mostrado nos trechos abaixo. O uso da adversativa *however* (entretanto), no segundo trecho, neutraliza a situação favorável inicialmente retratada.

*Brazil’s gross domestic product grew by 2.7 percent during the first quarter of 2004, surpassing expectations and setting the stage for a sustained recovery from last year’s recession, the Brazilian Census Bureau said Thursday.*

*The recovery, however, has not yet reached the job market. Earlier this week, the census bureau reported a record unemployment level in April of 13.1 percent. (Brazil GPD Surpasses Expectations, 27 de maio de 2004.)*

Nota-se, assim, que quando o jornal aborda a economia em si, ora adota a estratégia de atribuir suas avaliações negativas a enunciadores não identificados - analistas, brasileiros, ou seja, grupos apontados de forma geral -, ora traz à tona uma fonte oficial como o presidente de empresa acima citado e, em nenhum momento, um cidadão comum especificado. Quanto aos grupos anônimos não identificados, Fairclough diz que expressões como essas tem um valor modal “para mitigar e eximir responsabilidade por um julgamento inadequado, atribuindo-o a outros sem especificação” (FAIRCLOUGH, 1995, p. 5).

Traquina, em sua análise de jornais oriundos de alguns pontos do globo, aponta o domínio das fontes oficiais: “O peso das fontes oficiais foi de 45 por cento na *Folha de São Paulo*, 46 por cento no *New York Times*, 48 por cento no *Diário de Notícias*, 51 por cento no *Correio da Manhã*, e 52 por cento no *El País*”.

No caso do *New York Times*, acresce-se o depoimento de Gay Talese, que trabalhou no jornal, sobre uma relação íntima entre repórteres do jornal e as fontes do governo americano:

O *Times* tinha uma admiração reverente pelo que era oficial. Era mais fácil e mais seguro publicar relatos corretos e entediantes das atividades do governo do que reportagens corretas e interessantes. E assim, em suas páginas, o Senado era um órgão de pedra, uma corrente estagnada de estatísticas e medidas, não uma congregação vibrante de maneirismos e vaidades, impulsos e ambições humanas que respondia de alguma forma às vibrações da nação (TALESE, 2000, p. 299).

## 5. Considerações finais



A análise empreendida nos aponta duas ênfases diferenciadas publicadas no *New York Times*. De um lado, aspectos favoráveis ao Brasil são destacados no plano econômico, (embora em meio a problemas relacionados à infra-estrutura, ao acesso a computadores e à criminalidade): o crescimento e a expansão de empresas como a Embraer, Hyundai Motor Co., Gol e Petrobrás; o rápido crescimento da agricultura brasileira; o empenho do Brasil para eliminar subsídios agrícolas praticados por países ricos; e o aumento das exportações.

Por outro lado, ao falar da economia de forma geral, o jornal caracteriza-a como vagarosa, com insípido crescimento do PIB, e traz à baila políticas equivocadas do Presidente Lula, tais como juros altos e valorização do real, rotulando-o como aquele que não cumpriu suas promessas de campanha, uma vez que não mudou o modelo econômico para produzir “os dez milhões de empregos” prometidos.

Tem-se, então, uma imagem de um país com pontos de crescimento em relação a investimentos de determinadas empresas, expansão da agricultura, aumento em atividades da indústria e comércio, mas, quando efetuado o cômputo geral da economia, esses pontos não são suficientes para caracterizar a economia como vigorosa ou estável.

### **Referências bibliográficas**

- BELL, Allan; GARRETT, Peter. **Approaches to media discourse**. Oxford: Blackwell, 1998.
- CARIELLO, R. “Times não é independente”, diz Talese. In: **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 6 jun. 2004. Mundo, p. 22.
- FAIRCLOUGH, N. **Media discourse**. London: Edward Arnold, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.
- FOWLER, R. **Language in the news: discourse and ideology in the press**. London: Routledge, 1991.
- SOUSA, J. P. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Introdução à análise do discurso jornalístico impresso: um guia para estudantes de graduação**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.
- TALESE, G. **O reino e o poder**. Trad. de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2005.